
RITUALIZAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER NAS REPRESENTAÇÕES DO CORPO NA IDADE MÉDIA

Eval Cruz¹

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Tradução Marcos Flamínio Peres; revisão técnica Marcos de Castro. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2006.

Os historiadores Jacques Le Goff² e Nicolas Truong expõem nesta obra, de modo compreensivo e instigante, a história do corpo na Idade Média. Dividido em quatro partes, o livro tem como objetivo elucidar as representações do corpo no medievo, pois “ele constitui uma das grandes lacunas da história, um grande esquecimento do historiador” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.9).

Desta maneira, procurando colaborar com a história do corpo, os autores verificaram seu pertencimento à cultura e não à natureza como se pensava. Neste sentido, os corpos possuem o que Marcel Mauss descreve como técnicas corporais que diferem de uma sociedade pra outra, mudando com o passar do tempo. Ainda segundo exposição dos autores o corpo tem história, fazendo-se necessário uma atenção maior por parte da historiografia.

Na Idade Média, a Igreja teve papel dominante na formação das mentalidades através do planejamento da imagem que as pessoas deveriam ter de si mesmas e também de como deveriam se comportar. Essa postura da Igreja em relação à sociedade se explica, dentre outras coisas, pelo fato de até o século XII as pessoas não se ajustarem à imagem almejada, o que culminou na instalação da Reforma Gregoriana que objetivava consertar de uma vez por todas as condutas dos homens em sociedade. Até a instalação da Reforma, os homens continuavam poligâmicos, os padres disputavam mulheres entre si, rixas e combates abundavam entre os leigos e a abstinência sexual era praticada por uma minoria, fato corroborado pelas afirmações dos

¹ Mestrando em Antropologia (Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia/UFS).

² Historiador Francês especializado em idade média européia, autor de dezenas de livros e trabalhos disponíveis em português. Medievista, Le Goff é um dos principais expoentes da história das mentalidades e membro da **ESCOLA DOS ANNALES**.

autores: “As aventuras extraconjugais brilham nas grandes famílias nobres. (...) Quanto à abstinência, ela é, ‘uma virtude muito rara e reservada a uma elite clerical, já que a maior parte dos clérigos seculares vive em regime de concubinato quando não eram abertamente casados” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.45).

Assim, no medievo, o corpo foi reprimido por diversas formas de representação, a “mulher diabolizada; sexualidade controlada; trabalho manual depreciado; homossexualidade no princípio condenada, depois tolerada e enfim banida; riso e gesticulação reprovados (...) o corpo é considerado a prisão e veneno da alma” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.37). Em meio a toda essa repressão, o casamento apareceu como alternativa para diminuir o desejo ávido pelo sexo. Contudo, o coito só era permitido se a intenção fosse reproduzir, e na cama, só era permitido ao homem ser o ativo, mas sem muitos arroubos. Aos cônjuges eram proibidas algumas posições sexuais, como por exemplo, copular por trás. Caso chegasse ao conhecimento da Igreja o infiel seria penitenciado com pão e água. Castigo semelhante se aplicaria a mulher, se ela deitasse com seu esposo durante o período da menstruação, no dia do senhor, ou mesmo antes do parto. (LE GOFF e TRUONG, 2006).

Segundo a descrição de Le Goff e Truong (2006), a mulher medievalista era fraca e sempre subordinada ao homem. Ela via na figura masculina abrigo, proteção, forças e, por isso, estava sempre submissa a ele, pronta para servi-lo. Por outro lado, o homem não a enxerga como o equilíbrio ou complemento na relação, ele estava sempre em posição de superioridade e ela de inferioridade. Essa explicação para a atitude do homem do medievo, como muitas outras, estava fundamentada na bíblia, pois segundo suas narrativas, Deus havia criado o homem primeiro e em seguida a mulher. Esta explicação mudaria teoricamente com Tomás de Aquino, que colocaria a mulher em pé de igualdade com o homem, uma vez que, ela fora criada da costela do homem que se encontra no meio do seu corpo, e não da cabeça ou dos pés, sendo assim, não seria nem inferior ou superior, mais igual ao homem.

A Igreja ainda orientava o homem para que não abdicasse somente ao corpo, mas também da gula, que segundo suas explicações, estava ligada à luxúria. Este fato é possível de ser explicado pela percepção da Igreja de que o número de novos adeptos ao cristianismo crescia entre bárbaros e os camponeses, que eram dados a bebida. Estava proibida a embriaguez por se acreditar que os pecados da carne e do sexo estavam

associados à bebida. Assim, “[...] a abstinência e o jejum dão o ritmo, portanto, do homem medieval.” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.58).

A coação ao corpo também estava associada à quaresma, período de 40 dias de jejum e oração, onde o homem era convidado a renunciar à carne para se aproximar de Deus. Aqui há uma série de restrições ao praticante, da alimentação às práticas sexuais. No entanto, essa renúncia ao corpo terminava com o carnaval, onde havia muita comida e corpos efervescentes, prevalecendo à exaltação do corpo.

Na mentalidade do homem da Idade Média, chorar era melhor que ri, tendo em vista que o choro era tido como uma dádiva, enquanto o riso estava ligado ao diabo. Aquele que chorava era considerado bem aventurado, pois assim diziam as escrituras e, desse modo, o homem se aproximava de Cristo, uma vez que, ao chorar estaria encarnando o próprio Cristo. Logo, as lágrimas, na concepção do homem medievalista, funcionam como um canal que propiciava ao homem atingir o divino, não no sentido espiritual, mas no sentido corpóreo. “A simbologia dos líquidos corporais é, uma vez mais, impressionante. E o corpo torna-se o veículo entre o divino e o humano”. (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.72).

No segundo momento da obra, os autores mostraram como é viver e morrer na Idade Média. Salientam primeiramente que a expectativa de vida não era muito grande. Um adulto podia viver em torno de trinta e cinco a quarenta anos. O que nos faz indagar: o que faziam essas pessoas em tão pouco tempo de vida? A partir das narrativas dos autores, pode ser evidenciado que nesse espaço de tempo os homens casavam-se e tinham filhos. Entretanto, o sentimento de afetividade como se conhece hoje no século XXI, não existia na Idade Média.

Por ter sido um período histórico marcado por guerras e pelas Cruzadas, faltava tempo para os arroubos do coração. “As guerras e as cruzadas deixavam pouco espaço para o romance, ainda que vários dos cruzados partissem em direção a Jerusalém com a finalidade de arranjar esposas (...)” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.96). Neste sentido, a Idade Média desconheceu aquilo que entendemos por amor, que segundo Le Goff e Truong (2006), tinha um significado pejorativo e significava “paixão devoradora e selvagem”. Não obstante, os homens da Idade Média eram dados aos prazeres do corpo e não os ignorava, o que não existia era esse sentimento moderno que se entende como amor.

É importante destacar o nascimento da criança nesse período da história. No medievo, não havia interesse nem pela mulher e nem pela criança. O sentimento de desapego por essas duas categorias de indivíduos se percebia tanto entre os nobres como entre os plebeus. A ascensão da criança nasce com as narrativas do nascimento do menino Jesus. “A principio e como sempre na Idade Média, um sentimento poderoso vai buscar seu fundamento e sua legitimação na religião.” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.101)

Outro assunto tratado pelos autores nessa obra que merece destaque é a velhice, que era atingida quando uma pessoa chegava aos seus quarenta e cinco anos. Aqui mais uma vez o prestígio ao homem difere do conceito dado a mulher. Enquanto, os homens eram comparados aos patriarcas do antigo testamento, como a personagem bíblica de Abraão, a mulher velha tinha má reputação. Aos olhos dos seus contemporâneos, as mulheres eram maléficas, quase feiticeiras. “Por conseqüência, e como ocorre freqüentemente na Idade Média, a velhice é objeto de uma tensão – entre o prestígio da idade e da memória e a malignidade da velhice, a feminina em particular.” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.104).

Quanto à baixa expectativa de vida do homem do medievo, vários foram os motivos para explicação desse fenômeno e, talvez um deles, tenha sido as epidemias que assolaram a Idade Média. Como nos informa a historiografia, esse período foi marcado por muitos surtos de doenças que fizeram muitas destruições. Entre esses males que assolou principalmente a Europa estão a peste bubônica e a lepra. Esta última constituía-se um problema espiritual como bem salientam os autores: “[...] a lepra constitui também um questão espiritual, pois, na Idade média, não há doença que atinja o corpo como um todo que não seja simbólico” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.107). Considerava-se que o leproso havia sido gerado em um período impróprio, como na quaresma, por exemplo, e que a sua moléstia seria fruto do pecado da luxúria.

Na terceira parte do livro, os autores mostram como o corpo foi civilizado na Idade Média. Civilização que passa por hábitos alimentares, que resultou da junção de dois modelos: o primeiro composto de trigo, vinho e óleo e o segundo por carne. “Cereais e legumes, carnes e peixes: um modelo misto se estabelece pouco a pouco no ocidente medieval. Ricos e pobres irão beneficiar-se desta alimentação equilibrada.” (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.136). Contudo, a alimentação das classes inferiores se

baseava em produtos de origens vegetais, enquanto a alimentação dos nobres estava cada vez mais baseada no consumo de carne. Além disso, empenhados para civilizar o corpo, outros hábitos são incorporados no dia-a-dia dos homens dessa sociedade, dentre eles, passar a comer sentados, em vez de estirados.

Numa sociedade onde a ritualização do corpo era constante, e estando este em constante movimento, fazia-se necessário um cuidado todo especial por parte das pessoas ao manipular seus corpos, fosse no andar, rir, sentar, cumprimentar ou até mesmo rezar, já que os gestos podiam ser associados à lealdade ou a fé, ora eles eram condenados porque lembravam o diabo. "Assim, o gesto é ao mesmo tempo exaltado e fortemente suspeito, onipresente e, contudo, subordinado." (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.146).

Na quarta e última parte da obra, "O corpo como metáfora", os autores apontam que é durante a Idade Média que se aprofunda o uso do corpo como símbolo para designar uma instituição. A Igreja como comunidade de fiéis é vista como um corpo cuja cabeça é Cristo. Ainda segundo a exposição, para os romanos, a cabeça era o órgão que continha a força vital que dirigia o corpo. Já no Novo Testamento é o coração que possui essa força vital empregado no sentido metafórico. No que se refere ao fígado, este era considerado sede da lascívia e, desse modo, transferido para as partes inferiores do corpo. Dele nascia o fogo que subia ao cérebro e irradiava por todo o corpo atingindo as partes inferiores do corpo morada da luxúria.

É importante notar que existia uma simbologia por trás de cada gesto efetuado pelo homem medievalista, muitas vezes estes gestos funcionavam como um contrato entre o senhor e o vassalo, quando por ocasião do juramento de lealdade do vassalo para com o suserano, e deste, para com o vassalo quando lhe oferecia sua proteção. A mão, por exemplo, ganha um valor singular e incongruente na Idade Média. Ora ela aparece como símbolo de proteção e comando, ora aparece como aparelho de penitência e trabalho inferior. "O vassalo coloca suas mãos entre as do senhor em sinal de obediência, mas também de confiança" (LE GOFF e TRUONG, 2006, p.161).

Observando ainda a metáfora do corpo, a cabeça e o coração ganham destaque quando se descreve o Estado como um corpo. Aqui, segundo Le Goff e Truong (2006), as funções superiores esta dividida entre a cabeça, ocupada pelo rei e o coração, que simbolicamente representa o senado. Na cabeça abrigam-se ainda os homens honrados

como os juizes, governadores de províncias que estão representados pelas orelhas, olhos e língua. As demais categorias de indivíduos estão representadas por partes menos nobres do corpo. Entretanto, com a virada do século XIII para o XIV houve uma nova explicação ao descrever o Estado como um corpo.

Segundo Le Goof e Nicolas, pela nova explicação, o papa é a cabeça de onde saem os nervos que representam a hierarquia eclesiástica que une os membros entre si, enquanto o rei é o coração, de onde saem às veias que distribuem o sangue para todo o corpo. "O sangue é o elemento vital por excelência, o mais importante de todo o corpo humano, resultando daí que as veias são mais preciosas que os nervos e que o coração supera a cabeça." (LE GOOF e TRUONG, 2006, p.168). Desse modo, o rei se torna superior ao papa.

Os autores encerram a obra destacando o corpo como elemento que elucida e nutre uma história lenta, "(...) que é em profundidade, as das idéias, das mentalidades, das instituições e mesmo as das técnicas e das economias, esse interesse dá um corpo, o corpo" (LE GOOF e TRUONG, 2006, p.173).